

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-12-02

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Silva, L. M. (2023). Arquiteturas de autor no setor financeiro da CUF: Exemplos n banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina. In José Manuel Fernandes, Miguel Figueira de Faria (Ed.), *Artes e arquiteturas CUF: História e contexto*. (pp. 299-324). Cascais: Príncípia.

Further information on publisher's website:

<https://www.principia.pt/product/artes-e-arquiteturas-cuf/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Silva, L. M. (2023). *Arquiteturas de autor no setor financeiro da CUF: Exemplos n banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina*. In José Manuel Fernandes, Miguel Figueira de Faria (Ed.), *Artes e arquiteturas CUF: História e contexto*. (pp. 299-324). Cascais: Príncípia.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Nos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva celebramos quem, ainda jovem e estudante, gozou de uma primeira experiência empresarial (entre 1891 e 1895) não na indústria, mas sim num banco, o banco Lusitano. Mais tarde, Alfredo da Silva aproveitou o seu conhecimento acumulado para fundar a Companhia União Fabril (CUF), em 1898. Pode então dizer-se que a CUF foi fundada com um *savoir faire* de gestão bancária, a partir de 1895.

Não existindo um ‘Banco CUF’ — como houve fábricas, hospitais, transportes — sem dúvida que surgiram várias casas bancárias associadas à CUF, nomeadamente, e com mais propriedade, o grupo Totta. A este grupo estão intrinsecamente associados não só o nome de Alfredo da Silva como de D. Manuel de Mello, seu genro. Isto significa que a relação entre a CUF e as instituições bancárias extravasa a exclusiva ação do grupo CUF para a biografia dos seus criadores e dirigentes.

Tal como acontece com tudo aquilo que a banca recomenda, também ao nível da segurança, do precaver dos embates financeiros, patrimoniais, morais e outros que poderiam advir do rápido crescimento da CUF, era fundamental que houvesse uma firme medida de proteção. cremos que é isso que faz o grupo CUF ao criar a conhecida companhia de seguros Império.

A arquitetura que formaliza, que dá corpo a estas instituições é, em grande medida, uma arquitetura de autor. Não se pode atribuir à CUF uma cultura arquitetónica bancária. Até aos anos 1960 do século XX, cada caso era um caso singular. E mesmo depois — quando se promoveu uma equalização da imagem do Banco, multiplicando e uniformizando sucursais — o suporte era geralmente um edifício pré-existente, ou, caso contrário, realizado segundo uma leitura das condicionantes locais.

Os quatro casos observados, que apresentam situações diversas entre si, dão-nos essa perspetiva. O que não varia, nos exemplos apresentados, é a qualidade da intervenção realizada.

Introdução

A Companhia União Fabril, amplamente conhecida pela sua sigla CUF, é uma empresa de referência e sinalizado valor em Portugal. Não por demérito de outras, mas principalmente pelo seu grande e reconhecido mérito. O nome da CUF deriva da construção de um sobejamente distinto património físico e legado humano.

O nome CUF está indelevelmente associado a Alfredo da Silva, seu fundador; um industrial de personalidade forte: “um capitão da indústria com uma energia inesgotável”¹. Hoje, pela mão de Miguel Figueira de Faria, seu biógrafo, conseguimos ter acesso a gravações fílmicas do industrial. Em particular, numa ocasião ‘de Estado’ (a inauguração de um navio), Alfredo da Silva, já com idade avançada, revela um aparente desinteresse pelo protocolo, discursando entusiasticamente sobre os seus planos futuros para a CUF. Esta gravação é, nos nossos dias, reveladora de um homem com sentido pragmático e empreendedor, e objetivos bem orientados.

A CUF moderna está sobretudo associada ao universo da saúde. No entanto, a partir do seu começo, com a fábrica de sabão nas Fontainhas, em Alcântara, Lisboa, expandiu-se para os mais variados campos, nomeadamente de

“produtos químicos, alimentares, têxteis, tabaco, indústrias extractivas, celulose, papel, construção e reparação naval, indústrias metalúrgica e metalomecânica, refinação de petróleo e petroquímica e indústria de material eléctrico”. Estendeu-se ainda aos “transportes marítimos, aos empreendimentos imobiliários, ao comércio, à exploração de hotéis, bares, restaurantes e casinos”².

Neste artigo, contudo, avaliaremos dois aspetos habitualmente menos considerados do grupo: a banca e os seguros. Falaremos de Alfredo da Silva e de Manuel de Mello, seu genro; e, logo após uma introdução histórica, tomaremos especial atenção à arquitetura que se lhes associa.

¹ Miguel Figueira de Faria citado em CAMPOS, 2021.

² MARTINS, 1973: 17 e 18.

Os Bancos Totta e a Seguradora Império

1. Antecedentes

A relação do grupo CUF com a banca remonta à ligação de Alfredo da Silva ao banco Lusitano. As origens do banco Lusitano, do ponto de vista historiográfico, estatutário e financeiro, estão ainda por esclarecer cabalmente. Contudo, é bastante conhecida a crise que assolou a instituição, cerca de 1891, derivada de irregularidades que remontavam pelo menos ao ano de 1869³. Tendo sede em Lisboa, na rua d'El-Rei, 85, mais tarde denominada rua do Comércio⁴, é na sua filial do Porto (circunscrita a uma sala, como era aliás comum) que se dão algumas das mais violentas desavenças entre acionistas, tendo Alfredo da Silva assumido um papel ativo na resolução do impasse, garantindo, nessa sequência, a direção da instituição.

É pertinente considerar, no capítulo dos bancos e seguradoras ligados à Companhia União Fabril, esta particular ligação de Alfredo da Silva ao banco Lusitano. Não só porque é através da gestão da crise deste banco que o industrial adquire experiência empresarial, como porque, de um ponto de vista arquitetónico — que é o que está aqui em foco —, podemos observar que a sua sede se situa próximo do atual Banco de Portugal⁵, na baixa de Lisboa, tal como a generalidade das sedes dos bancos de que em seguida iremos falar.

A associação do grupo CUF ao Banco Lusitano é baseada na ação de Alfredo da Silva e no seu envolvimento financeiro, bem como da restante família, mas também com a compra de ações, pelo empresário, da Companhia Aliança Fabril (CAF) ao Banco de Portugal, Companhia da qual o Banco Lusitano era credor. Como é sabido, a CAF foi fundida com a concorrente Companhia União Fabril, gerando a sequente CUF, em 1898. A partir daí, as migrações, fusões e alterações orgânicas seriam uma constante no historial financeiro da marca CUF. Porém, reportando especificamente à banca, o legado CUF é, sem dúvida, aquele que está associado à marca Totta.

³ Relatório e Contas apresentados pela direção do Banco Lusitano em sessão de Assembleia Geral de 7 de janeiro de 1869.

⁴ De acordo com um anúncio retirado do jornal “Brasil-Portugal”, datado de 16 de junho de 1903 disponibilizado pela Hemeroteca Municipal de Lisboa. Agradeço a José Leite a indicação.

⁵ VALÉRIO, 2013: 183-194.

As origens do banco Totta são tão antigas quanto 1843, quando Fortunato Chamiço Júnior fundou a Casa Bancária com o mesmo nome sediada na calçada de S. Francisco, 3, em Lisboa. Verificamos que se trata de uma sede nas imediações do Banco de Lisboa⁶ (que, em 1846 se funde com a Companhia Confiança Nacional⁷, criando o Banco de Portugal) ocupando todo o lote que abrangia, como hoje, a interceção das atuais rua do Comércio com a rua do Ouro.

O nome “Totta” associar-se-ia à Casa desde a sua admissão, inicialmente como “modesto cobrador”⁸, tendo passado em 1893 para “José Henriques Totta, que lhe fixou o nome”⁹. Em 1921 a Casa Bancária foi adquirida pelo grupo CUF tendo sido transformada, primeiramente, em sociedade por quotas, e, de seguida, em sociedade anónima — o que abriu espaço à transformação em banco. Nessa altura, o estabelecimento ocupava todo o edifício da rua Áurea, 75, em Lisboa¹⁰. A 2 julho de 1953, a Casa Bancária José Henriques Totta L.^{da} deu origem ao Banco José Henriques Totta¹¹. “Simultaneamente, assistiu-se à implementação de uma política de expansão de instalações e serviços disponibilizados ao público, através da melhor formação profissional fornecida aos quadros e mecanização dos serviços e obras de modernização da sede (1954-1957)”¹². É de notar ainda que

“em 1953, o Banco dispunha de um único estabelecimento, coincidente com a sua sede social, na Rua Áurea, em Lisboa. Entre 1956 e 1960, foram inauguradas quatro dependências urbanas em Lisboa (Alvalade, Conde Barão, Duque de Loulé e Avenida 24 de Julho) e, em 1960, entraram em funcionamento duas agências fora da capital. A escolha das localidades para iniciar a expansão geográfica do Banco recaiu em locais onde o grupo CUF já desenvolvia a sua actividade: Barreiro, onde se localizava o principal complexo fabril do grupo empresarial e se concentrava a maioria dos seus trabalhadores, e Rossio ao Sul do Tejo, próximo da unidade fabril de Alferrarede”¹³.

⁶ NEVES, 2013.

⁷ MATA, 2013: 554-556.

⁸ “Um Banco novo com mais de cem anos de experiência”, 1963, p. 2.

⁹ NEVES, 2013a: 277

¹⁰ AFONSO, 1999: Anexos.

¹¹ NEVES, 2013.

¹² FARIA, 2007: 175.

¹³ NEVES, 2013a: 278.

Assim se verifica a ligação inerente da CUF à marca Totta que neste texto é importante reter. De resto, após a morte de Alfredo da Silva (1942), Manuel de Mello, que passara a dirigir o grupo CUF, e sua mulher, Amélia de Mello, eram detentores de ações que lhes conferiam uma posição de peso no capital social do Banco, tendo este mantido “a natureza de empresa familiar que também caracterizava o grupo empresarial de que fazia parte, nunca tendo as suas acções sido admitidas à cotação na Bolsa de Valores de Lisboa”¹⁴.

O Banco Totta extinguiu-se em 1961 para se fundir com o Banco Aliança¹⁵, sediado no Porto, dando origem ao Banco Totta-Aliança¹⁶ (V. esquema abaixo), o qual vem, por sua vez, gerar os bancos Totta-Standard de Angola (1966-1976) e Standard Totta de Moçambique (1966-...)¹⁷, aos quais daremos alguma atenção.

Uma outra linhagem da relação da CUF com a banca advém da sua posição no Banco Totta & Açores¹⁸, criado em 1969. Tal como o nome indica, este banco surgiu da fusão do Banco Totta-Aliança, que referimos, com o Banco Lisboa & Açores. Fundado a 22 de março de 1875¹⁹, o Banco Lisboa & Açores adquiriu terrenos em Lisboa para edificar a sua sede em 1905, acabando por se fixar na rua Áurea, 82-92. O Grupo CUF, com esta fusão, herdou todo o capital do banco, nomeadamente um edifício sede nessa localização. Entretanto, foi criada uma rede de agências por todo o país e pelo estrangeiro, nomeadamente pelas colónias ultramarinas; o Banco Totta & Açores foi detentor de parte dos bancos Totta de Angola e Moçambique com sedes, respetivamente, em Luanda e em Lourenço Marques.

¹⁴ FARIA, 2007: 175.

¹⁵ MENDES, 2013: 57-64

¹⁶ CRUZ, 2013: 396-399

¹⁷ A designação “Standard” advém do apoio do The Standard Bank of South Africa Limited, com quem o Banco Totta estabeleceu uma aliança. (Banco Standard Totta de Moçambique, Arquivo Histórico do Banco de Portugal).

¹⁸ NEVES, 2013a.

¹⁹ Banco Lisboa & Açores (Arquivo Histórico do Banco de Portugal).

FUSÕES DAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS ASSOCIADAS AO GRUPO CUF

Banco José Henriques Totta (Lisboa)

Banco Aliança (Porto)

Banco José Henriques Totta e Banco Aliança → **Banco Totta-Aliança**

Banco Totta-Aliança → **Standard Totta Angola** e **Totta Standard Moçambique**

Banco Lisboa & Açores

Banco Lisboa & Açores e Banco Totta-Aliança → **Banco Totta & Açores** (com quota-parte nos bancos Totta de Angola e Moçambique)

No que respeita à história das seguradoras associadas ao grupo CUF, sem dúvida que se destaca a companhia de seguros Império²⁰, com escritura de 28 de julho de 1942 para suportar investimentos de grande risco da companhia²¹. É de considerar que Alfredo da Silva morreria a 22 de agosto de 1942; assim, seria sobretudo um empreendimento do seu sucessor. Nas mãos de Manuel de Mello, a Império

“viria a tornar-se pioneira ao exceder um milhão de contos em prémios, uma barreira nunca antes ultrapassada por nenhuma outra empresa do sector em território nacional. Tal feito decorria de uma série de factos também eles singulares, nomeadamente a aposta numa imagem familiar de relação com os clientes (através da publicidade e auto-promoção) e o precursor modelo de formação constante de funcionários e colaboradores, diferenciação única que permitiu à Império afastar-se das concorrentes directas”²².

Sedeada em Lisboa, a Império instalou-se de início na rua do Comércio, 49 e, mais tarde, na rua Garrett, 62, passando por fim para a rua Garrett, 56 — o acesso principal a um conjunto de “oito edifícios pertencentes à seguradora”²³ que haviam de dar o nome ao quarteirão (conhecido como quarteirão Império)²⁴. A Império, enquanto empresa de seguros com sede em Portugal, veio também a ser nacionalizada²⁵, surgindo, mais tarde, fundida com outras companhias nacionais (como por exemplo com a Império Bonança em 2001).

²⁰ CRUZ, 2014: 133-136

²¹ “O grupo CUF é aquele que detém o primeiro lugar no ramo segurador. Possui não só a maior companhia de seguros, a Império, como tem a Sagres e a Universal de Seguros e Resseguros, como ainda lhe estão ligadas a Tagus e a Douro” (MARTINS, 1973: 69).

²² MATOS, 2011, 2020.

²³ MILHEIRO, 2006: 154.

²⁴ RODEIA, 2001: 40-41.

²⁵ Decreto-lei n.º 135-A1, de 15 de março 1975.

FUSÕES DAS SEGURADORAS ASSOCIADAS AO GRUPO CUF

Universal de Seguros e Resseguros

Sagres

Universal de Seguros e Resseguros e Sagres → **Império** (absorve as duas anteriores)

2. Modernidade

Os anos 1960 do século XX marcaram uma viragem social e económica no país. A uma abertura rápida a novos modos de vida, ao desenvolvimento de uma classe-média com poder de compra correspondente a uma tendência mundial, o Banco Totta respondeu com uma multiplicação e disseminação geográfica dos seus balcões e um investimento na uniformização da sua imagem, o embrião de um *branding*, de uma imagem de marca²⁶. Esta imagem, com assinatura da empresa construtora Profabril (que derivava do Centro de Projetos da CUF), apostava, no caso dos bancos no continente, num logo amarelo (*lettering*) e azul, no exterior; e no granito cinza-claro, madeira de carvalho e azul-escuro no interior²⁷. Nas colónias, nomeadamente em Moçambique, foi também procurada uma padronização com a conceção de um logo e paleta de cores azul e branco e materiais como os mármore e a madeira de chanfuta, como veremos. “A Império foi uma das primeiras empresas portuguesas a investir em publicidade e a criar uma imagem corporativa forte. Em 1963 criou o “Homem Império” (Império Man), especialista em segurança e amigo da família”²⁸.

Com a revolução do 25 de abril de 1974, banca e seguradoras foram nacionalizadas. Em 1975, o decreto-lei 532 de 25 de setembro, definiu a nacionalização do grupo CUF, o que implicou a transformação do Banco Totta & Açores e da seguradora Império em empresas públicas²⁹. A partir de então, a manutenção dos espaços bancários e de seguros ligados ao grupo CUF deixou de estar no domínio privado. Ainda na senda do 25 de Abril, Moçambique e Angola declararam-se independentes (em junho e novembro de 1975,

²⁶ AFONSO, 1999: 17-24.

²⁷ *Idem*: 17 e 22.

²⁸ Império Bonanca: s.d.

²⁹ Respetivamente através dos decreto-lei nº 729-F, de 22 de Dezembro e 135-A/, de 15 de Março, de 1975.

respetivamente) tendo como corolário a guerra colonial, que afetou tremendamente os dois países e as suas instituições. Ainda assim, em Moçambique, o Banco Totta prosseguiu, embora em Angola tenha cessado em definitivo³⁰.

Porém, a conjuntura política e económica não quebrou completamente a lógica de mercado moderna. Certos aspetos de cariz cultural/social mantiveram-se. Continuaram a ser feitas sedes provinciais que cresceram dentro da mesma linha visual. cremos que existiu, por um lado, uma equalização que começou ainda antes da Revolução; por outro lado, uma arquitetura adaptada, isto é, a partir de projetos que poderiam ser copiados de um desenho de base repetível resultavam objetos arquitetónicos e de interiorismo diversos. Na prática,

“Na escolha dos materiais há a preocupação de utilizar materiais da região onde as instalações irão funcionar, presidindo a intenção de conseguir um ambiente agradável de conforto evitando o luxo ostensivo.

Normalmente, a pedra e a alcatifa são os materiais eleitos, por estarem de acordo com os objectivos e os padrões de conforto da época, bem como os apainelados decorativos nas paredes. No mobiliário, criado na sua maioria para o efeito, opta-se pelos lacados e pelas madeiras exóticas.

Uma outra preocupação que presidiu a esta política de remodelação foi a de adaptação dos acabamentos e equipamentos em função da classe das localidades onde se iria inserir.

Esta política foi, porém, de pouca duração e os espaços das agências voltaram a ser fortemente caracterizados pelo arquitecto autor de cada projecto, sendo o resultado de um conjunto de agências todas com características diferentes sem um traço de união entre todas elas para além do nome do próprio Banco”³¹.

Como é notório nos exemplos descritos, apesar das nacionalizações, as imagens corporativas, enquanto tal, já não tinham retorno; a ideia de um banco com espaço livre, balcão de atendimento e caixas, iluminação embutida e pedra polida como revestimento, como o que vemos na figura 1³², passaria a ser um dado adquirido.

³⁰ Em 1976, o banco e a sua rede de agências foram integrados no Banco Nacional de Angola.

³¹ AFONSO, 1999: 19.

³² A figura 1 apresenta um recorte de uma publicação da CUF com duas fotografias do Banco Totta-Aliança que precedeu ao Totta & Açores na Rua do Ouro.

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva



Fig. 1

Gradualmente, a encomenda de arquitetura de bancos e seguradoras foi-se voltando para as sedes, já que o contacto com os clientes particulares se processa cada vez mais *online*. Tal é o caso da sede do banco Santander³³ — uma obra com 27 200 m² do arquiteto Frederico Valsassina (1955-) — inaugurada em 2017. Porém, as agências e lojas da generalidade dos bancos e seguradoras pouco mais se tornaram do que pequenas bolhas de ar em espaços de sobra, muitas vezes com parca iluminação e mal ventiladas, nomeadamente nas áreas urbanas. Cremos que estas representam um estágio avançado da

³³ Sobre a relação entre o Banco Totta e o Banco Santander: “Em 2004, o Banco Santander Central Hispano reorganizou o grupo que detinha em Portugal. Assim, procedeu à fusão por incorporação do Banco Totta & Açores e Banco Santander Portugal no Crédito Predial Português, tendo os dois primeiros sido extintos e o último passado a denominar-se Banco Santander Totta” (*Banco Totta & Açores*, Arquivo Histórico do banco de Portugal).

cultura de marketing e utilização rápidos, chegando a abrir e fechar sem tempo para desempenhar um papel no sistema social.

Assim, a hipótese de uma marca arquitetónica distintiva para o sector financeiro da CUF coloca-se sobretudo na génese da sua relação com a banca e seguradoras. Abaixo, destacamos alguns exemplos desse período. Veremos que são, na sua totalidade, objetos que suscitaram interesse pela sua dignidade e qualidade intrínsecas. Os casos apresentados definem-se, também, por objetos arquitetónicos singulares, muito diversos entre si.

Os bancos Totta e a seguradora Império — casos exemplares

Ao desafio proposto para a análise dos bancos e seguradoras relacionados com a CUF respondemos com quatro casos exemplares, que representam uma amostra e demonstram a associação da Companhia a obras de qualidade.

O critério para a escolha destes casos deriva do material de investigação que conseguimos reunir; mas também da força do seu carácter. Todas as obras são impressionantes (com exceção, talvez, da sede da Império, mais discreta). Por isso seria conveniente e oportuna uma investigação mais extensa deste conjunto, em toda a comunidade envolvida: projetistas, utilizadores e outros intervenientes deveriam dar o seu testemunho, e um levantamento exaustivo às construções poderia ser realizado. Para já, temos como principais nomes associados aos Totta e à Império os de Miguel Ventura Terra (1866-1919), Amâncio Miranda Guedes, conhecido como Pancho Guedes, (1925-1915) e Gonçalo Byrne (1941-)³⁴ — nomes maiores da história da arquitetura portuguesa.

Abaixo, uma tentativa rastreamento de localizações (sede) dos bancos e seguradoras que foi possível esboçar neste primeiro levantamento.

Quadro 1 - Rastreamento de localizações (Sede) — Instituições Bancárias

A cinza: casos exemplares

Data	Nome	Sede	Arquitetos
------	------	------	------------

³⁴ Outros arquitetos que tenham trabalhado em agências Totta: encontramos nomes como José Forjaz, em Moçambique) (Geada, 1996: 66) ou João Francisco Caires, no Funchal (Miguel, 1986: 68-69) para citar dois exemplos.

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva

1843-	Fortunato Chamiço Júnior (casa bancária)	Calçada de S. Francisco, 3, Lisboa	
1875-1969	Banco Lisboa & Açores	Rua Áurea (rua do Ouro), 82-92, Lisboa	
1895-	[novo] Banco Lusitano	Rua d'El-Rei, 85, Lisboa	
		Rua do Comércio, Lisboa	
1953-1961	Banco José Henriques Totta	Rua Áurea (rua do Ouro), 75, Lisboa	
1863-1961	Banco Aliança	Rua Mouzinho da Silveira. Transferência para a avenida dos Aliados, 37, Porto	
1961-1969	Banco Totta - Aliança	Rua Áurea, Lisboa	
1966-1976	Banco Totta - Standard de Angola	Luanda	
1966-...	Banco Standard Totta de Moçambique	Maputo (Lourenço Marques)	
1970-2004	Banco Totta & Açores	Rua do Ouro, 82-92, Lisboa	Ventura Terra (1905)
			João Simões (1951)

QUADRO 2 - RASTREAMENTO DE LOCALIZAÇÕES (SEDE) — SEGURADORAS

A cinza: caso exemplar

Data	Nome	Sede	Arquitetos
1952-1976	Universal de Seguros e Resseguros	Largo da Anunciada, 9, 1º Praça do Príncipe Real	
1917-1976b	Sagres	Largo de S. Julião, 19, 2º. Rua do Ouro	

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva

		Av. António Augusto de Aguiar Travessa do Carmo, 11	
1942-1975	Império	Rua do Comércio, 49	
1992-...		Rua Garrett, 62	
		Rua Garrett, 56	Gonçalo Byrne

1. Bancos Totta em Lisboa, Maputo e Tômbua.

1.1 Banco Totta & Açores, 1970-2004 | rua do Ouro, 82-92, Lisboa

Quando, para simplificar, falamos do Banco Totta em Lisboa estamos a referir-nos, como já exposto, ao Banco Totta & Açores, criado em 1970, com sede na rua do Ouro, na baixa da cidade, num edifício de origem pombalina remodelado pelo arquiteto Miguel Ventura Terra, estreado em 1906. Uma descrição física e uma cronologia associadas a este edifício estão detalhadamente expostas no relatório do *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*, o qual afirma que o ‘novo’ edifício “destacado, interrompe o ritmo próprio e característico das fachadas pombalinas”³⁵.



Fig. 2

³⁵ BANDEIRA & FERNANDES, 1998, 2004.

Também José-Augusto França acrescenta tratar-se de um “edifício digno de *boulevard* parisiense” que vem “oferecer à cidade, no seu estilo eclético de *fin de siècle*, uma imagem significativa de nova civilização burguesa e capitalista”. Chama-lhe ainda um edifício “insólito e ímpar”: “O alargamento dos três tramos iniciais da fachada de poderosas colunas, a mais dois, por João Simões, já em 1950, confirmou a presença arquitetural deste monumento insólito e ímpar no século que e anunciava”³⁶.

Atualmente designado comumente como “Edifício dos Leões”,³⁷ a sua frente destaca-se das adjacentes pelo vigoroso trabalho de relevos e elementos escultóricos salientes, como as ritmadas representações de cabeças de leão (do escultor Jorge Pereira), bem como pelas varandas semicirculares em pedra. Uma das características da fachada é, ainda, a modelação neoclássica da estrutura. Se atentamente observarmos os três casos bancários exemplares — Totta em Lisboa, Totta em Angola e Totta em Moçambique — evidenciam-se colunatas com cornijas trabalhadas e um entablamento, ou painel destacado, onde está colocado, com assinalável dimensão, o nome da instituição (figuras. 2, 4 e 8).

A organização da fachada reflete a ordem interior, mas aqui predomina o ferro e o vidro; imagens de 1906 transmitem o carácter e expressividade de uma época³⁸.

O edifício foi sujeito a várias reformas; nomeadamente alterações que couberam ao arquiteto João Simões (1908-1993), como referido, entre 1948 e 1951. No entanto o projeto original conservou as suas características intrínsecas; o interior mantém as qualidades de espaço e iluminação através de um grande *hall* com clarabóia em vidro que lhe conferem, ainda hoje, um carácter sumptuoso, semelhante ao que existia nos anos 1970.

³⁶ FRANÇA, 2009: 637.

³⁷ “Edifício dos Leões: Espaço Santander”, s.d.

³⁸ “O Banco Lisboa & Açores: Projecto do architecto Ventura Terra”, 1908.



Fig. 3

1.2 Banco Standard Totta de Moçambique, 1966- | rua Consiglieri Pedroso, Maputo (Lourenço Marques)

Os melhores exemplos que encontramos de arquitetura ‘bancária’ simultaneamente de autor e uniformizada, ou adaptada, associada ao Grupo CUF é o conjunto de casos de agências e outras situações³⁹ que o arquiteto Pancho Guedes (1925-2015) criou ao serviço do banco Standard Totta de Moçambique⁴⁰. A este respeito, Pancho Guedes viria mesmo a afirmar: “Todos os bancos eram diferentes, mas por uma questão de identidade tinham características comuns”⁴¹. Esta “identidade” de que Pancho fala é o que mais se aproxima de uma imagem bancária CUF, e expressa-se sobretudo nos interiores de edifícios geralmente alugados pelo Banco, e não necessariamente sedes próprias.

³⁹ Como por exemplo a agência de feira com uma estrutura de barco (GUEDES, 2009: 230).

⁴⁰ Este banco, criado em 1966 por um movimento de expansão do Totta para os territórios ultramarinos, alcançou também Angola.

⁴¹ GUEDES, 2009: 233

É o caso do edifício da rua Consiglieri Pedroso, na baixa de Lourenço Marques (Maputo).



Fig. 4

De estilo neoclássico, foi herdado do banco inglês/sul-africano Standard Bank, cujas primeiras delegações se situavam também em Lourenço Marques, mas em outras localizações. Esta construção, datada de 1926/27, terá sido desenhada por um gabinete de Durban, África do Sul. A este respeito, Pancho Guedes viria comentar: “O edifício fora desenhado por alguém que tinha completa familiaridade com a arquitectura clássica, de onde resultara uma presença estranha na praça principal de Lourenço Marques”⁴².

Não obstante a sua “presença estranha”, esta obra foi sujeita a uma remodelação interior cujas características a fazem conformar com as restantes delegações do Totta em Moçambique. Estes atributos assentam na escolha dos materiais, cores e desenhos de pormenor, mas também num elemento de singular expressividade que é o mural. Normalmente de um azul vivo contrastando com

⁴² *Idem*: 155.

o branco faz as vezes de uma pintura ou tapeçaria num país menos abonado. E é certo que Pancho já havia provado ser um mestre do desenho e da pintura, nos anos 1960/70. Na figura 5 podemos ver o exemplo de um típico balcão Totta numa fotografia particularmente expressiva. Igualmente podemos ter em conta a descrição de Pedro Guedes, filho de Pancho:

“Os Bancos Standard Totta em Moçambique (...) foram concebidos para se adaptarem a uma paleta de materiais muito restrita. Externamente os edifícios deviam ser brancos, com acabamentos azuis e logótipos proeminentes também em azul (...) Todas as janelas, portas e outros acessórios, incluindo acessórios de iluminação, eram feitos de madeiras duras locais. Em Moçambique foi utilizada chanfuta (madeira de cor vermelha). Os balcões dos Bancos eram em mármore, na maioria dos casos brancos. Por vezes, em agências mais pequenas, podiam ser em madeira. Alguns elementos especiais eram feitos em latão. Em cada agência bancária, havia um mural, muitas vezes capturando as qualidades gráficas de algo com identidade local”⁴³.



Fig. 5

⁴³ Testemunho de Pedro D’Alpoim Guedes, 26.01.2021. Tradução da autora.

Ainda de acordo com Pedro Guedes, “Pancho trabalhou arduamente para dar a estes Bancos uma identidade distinta”, tentando ao mesmo tempo interligá-los na sua ‘imagem de marca’, mas evitando a todo o custo a arquitetura “anónima”.

1.3 Banco Totta-Standard de Angola, 1966-1976 | Tômbua (Porto Alexandre)

O caso do Banco Totta de Angola tem semelhanças com o de Moçambique. Desde logo foram ambos criados pelo grupo CUF em aliança com o Standard Bank em 1966, por decretos sequenciais⁴⁴. E, a “certa altura” Pancho foi também “convidado para fazer as agências do Banco Totta em Angola”⁴⁵.

Muitas delas ficaram no papel, mas a de Tômbua (ou Tombwa) foi construída, e representa um inequívoco exemplo de uma obra arquitetónica de raiz com um valor próprio e um carácter singular.

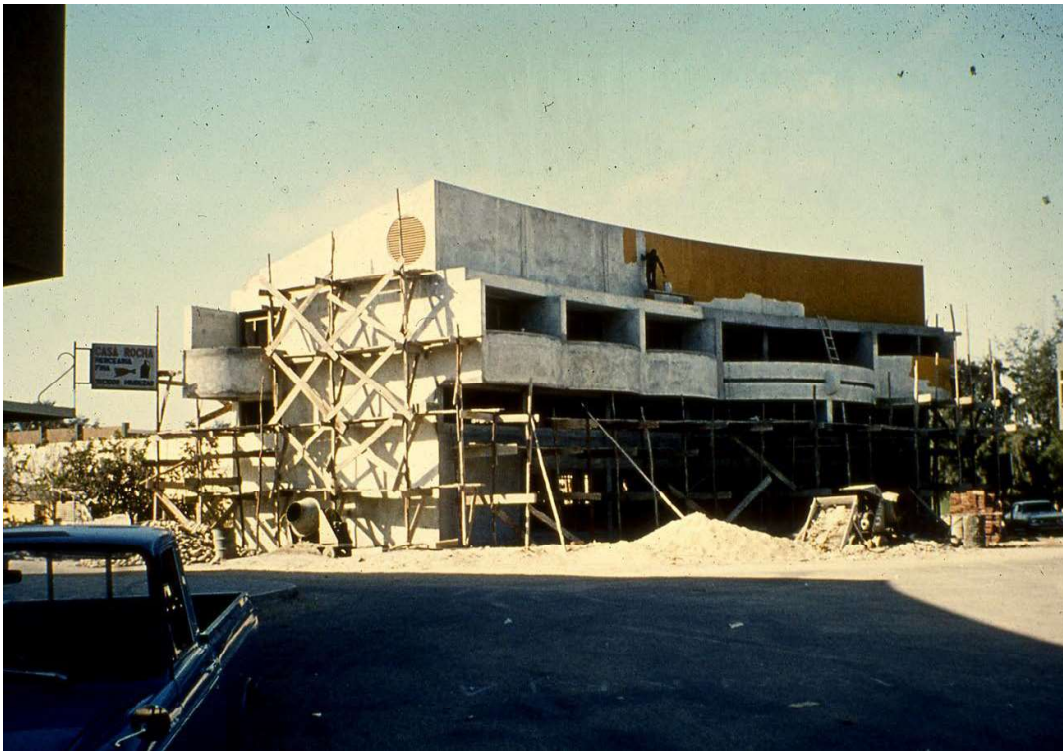


Fig. 6

⁴⁴ Decreto nº 47064 para o caso de Angola, e decreto nº 47065 para o caso de Moçambique, ambos de 30 de junho de 1966 (*Banco Standard Totta de Moçambique e Totta-Standard de Angola*, Arquivo Histórico do Banco de Portugal).

⁴⁵ GUEDES, 2009: 235.

Esta obra reveste-se do maior interesse para uma história da cultura arquitetónica portuguesa por representar um exemplo menos divulgado do repertório de Pancho. Na fronteira entre o modernismo e o pós-modernismo, o arquiteto-artista assinava as suas criações com uma originalidade notável, tendo inclusive criado os seus próprios estilo e manifesto. Lamentavelmente, desconhecemos os esquemas e soluções interiores para esta obra em específico, mas a sua escala e génese justifica um estudo aprofundado, até para possíveis efeitos de requalificação.

Na perspetiva isométrica, na figura 7, podemos ter uma leitura simplificada da constituição do edifício. Trata-se de uma construção com dois volumes deitados com três pisos, varandins circulares, fenestrações em óculos. De conceção geométrica rara com seis módulos, que não chega a ser repetitiva, dada a variedade de soluções para os vãos.

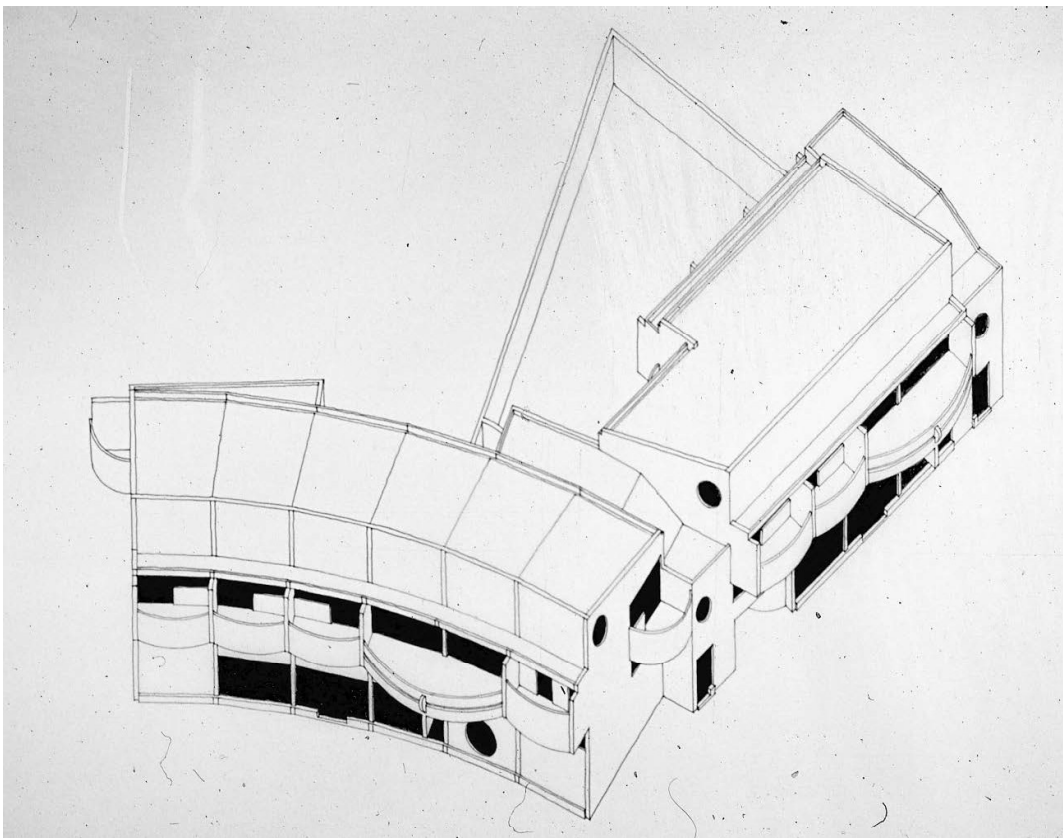


Fig 7

Ainda a respeito desta obra, Pancho diria: “Fiz depois o projecto para Porto Alexandre para o qual a escolha do terreno foi feita durante um almoço com o presidente da Câmara. Ainda visitei a obra quando se estava a pintar a ocre as paredes, o que correspondia às cores do deserto”⁴⁶.

Pancho Miranda Guedes era um autor de uma vivacidade e modernidade fora de série, tendo deixado um legado arquitetónico vasto em Angola e Moçambique que são suficientes para caracterizar uma arquitetura própria sua; mas, como podemos ver na figura 8, nesta arquitetura claramente ‘de autor’, vamos encontrar, na lateral, a insígnia T de Totta com o mesmo desenho que podemos identificar nos exemplos de outras fotografias do seu espólio, relativo às obras moçambicanas.

A marca mal se vê; infelizmente, tal como muitas agências no contexto colonial, com o perpetuar de um conflito armado foram votadas à negligência e ao abandono.



Fig 8

⁴⁶ GUEDES, 2009: 235.

2. A SEGURADORA IMPÉRIO

Rua Garrett, 56, Lisboa

Tendo sido criada em 1942, e após estar sedeadada na rua do Comércio, 49, foi finalmente na emblemática rua Garrett, em Lisboa, que se instalou a companhia de seguros Império.

Se o ‘espaço’ de maior impacto do desenho pombalino, para efeitos comerciais, é a frente urbana/fachada, ou o contínuo das lojas no piso da via pública, no caso da rua Garrett este é constituído sobretudo por pequenos estabelecimentos, a mais das vezes estreitos e profundos. É o caso da Império. Por um lado, a sede da Companhia ocupou todo um quarteirão — o “quarteirão Império” — por outro lado, a ‘loja’, a que corresponde o n.º 56, serviu outros estabelecimentos. Historicamente, foi nela que se instalaram o café Marrare do Polimento, a alfaiataria Picaddilly ou o café Chiado, entre outros. Este último manteve-se no mesmo local, mesmo depois da instalação da Império. Em novembro de 1963, o café Chiado acabou por encerrar e a Império pôde, finalmente, usar o espaço da entrada para um balcão próprio ⁴⁷.

Em qualquer dos casos podemos observar uma entrada demarcada e trabalhada, e, no que respeita à Império, uma sinalética vertical não ostensiva, mas suficientemente presente para se fazer notar, destacando-se claramente.

⁴⁷ LEITE, 2018.

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva



Fig. 9

Cremos que, no caso da seguradora, haveria menor necessidade de atendimento ao público do que na banca. Por estas razões, aquilo que designámos como arquitetura de autor está particularmente consignada ao espaço público e nomeadamente a este objeto identificativo/publicitário.

Com o decorrer do tempo, tornou-se notável a decadência de toda a zona antiga, apesar desta manter o seu traçado pombalino original. Embora o grande incêndio que assolou o Chiado (1988) tenha apenas alcançado a parte mais baixa da rua Garrett, neste período o edificado apresentava-se “em estado de acentuada

degradação arquitetónica, fruto de um processo espontâneo de construção de anexos, ampliações, e outras edificações semiprovisórias, realizados de forma desordenada ao longo do tempo”⁴⁸.

Na sequência do “pavoroso”⁴⁹ incidente, foi oportuno realizar uma intervenção de fundo para recuperar o património, nomeadamente os prédios e logradouro associados ao n.º 56, e fazê-los participar na renovação urbana em curso para a zona afetada pelo incêndio. Pela mão do arquiteto Gonçalo Byrne foi projetada a abertura de dois eixos de atravessamento do quarteirão, um dos quais tendo como ‘entrada’ precisamente o nº 56, fazendo deste um convite à continuidade da rua, do espaço público, por se tratar de uma via comunicante.



Fig. 10

⁴⁸ BYRNE, 2013: 6.

⁴⁹ FRANÇA, 2009: 772.

CONCLUSÃO

O presente texto aborda o tema da expressão arquitetónica do sector financeiro associado à Companhia União Fabril, nomeadamente os bancos Totta e a seguradora Império. Os casos apresentados são exemplo de arquiteturas de autor, associadas ao Grupo, ou seja, obras que se distinguem de uma arquitetura anónima por serem realizadas segundo um padrão repetível.

O caso do banco Totta & Açores, hoje “Edifício dos Leões – Espaço Santander”, reformulado por Ventura Terra, destoa da frente da rua pombalina, e o seu interior, com a grande cúpula em vidro, também é notório.

As filiais dos bancos Totta de Angola e Moçambique têm, como particularidade, serem em muitos casos encomendadas a Pancho Guedes. Conseguimos apurar que vários bancos em Moçambique eram alugados em espaços pré-existentes. Podemos atribuir o qualificativo de arquitetura de autor às suas intervenções pelo carácter original com que abordou estes espaços. Nomeadamente em Angola, o edifício que observámos é um caso extraordinário pois trata-se de uma obra projetada e concluída de raiz para o Banco Totta-Standard.

O caso da seguradora Império pode talvez ser o mais discutível, tendo em conta a tendência das restantes frentes de loja da rua Garrett. No entanto, se o “quarteirão Império” mantém a sua estrutura pombalina original, permanecendo na lógica do traçado urbano e arquitetónico do século XVIII, a entrada do n.º 56 vai-se ajustando à medida exata da atividade comercial que aloja. Verifica-se, ainda, e comparando fotografias antigas com outras mais recentes, que a entrada, que já era especialmente desenhada relativamente às restantes portas, apresenta uma separação em vez de duas. Esta intervenção demonstra que houve uma intervenção de ‘embelezamento’ de carácter singular.

Registe-se ainda que a arquitetura de autor se associa a um contexto onde foram tidos em conta condicionantes locais, numa mestria que reconhecemos aos arquitetos citados. Se o mais natural, dada a história da evolução do sector financeiro da CUF, fosse a existência de casos isolados, também se verifica, por volta da década de 1960 e, passadas as nacionalizações, já nos anos 1980 do

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva

século XX, a procura de uma imagem de marca que se estenda do economato ao espaço. Estes dois aspetos parecem interagir.

Passados 150 anos da sua morte, é justo celebrar o legado de Alfredo da Silva. Se procuramos uma imagem de marca da CUF na banca e seguradoras, iremos encontrar sobretudo valores intrínsecos de qualidade visual e espacial. Podemos dizer, assim, que a 'imagem de marca' do grupo CUF na banca e seguradoras é não só a sua conhecida notabilidade, que ressoa por várias gerações, mas nomeadamente a qualidade do seu património e herança.

Bibliografia

Fontes

Arquivo Histórico do Banco de Portugal

Banco Lisboa & Açores
Banco Totta-Standard de Angola
Banco Standard Totta de Moçambique

Estudos

AFONSO, José (1999). *Arquitectura Bancária em Portugal: Fragmentos de uma Imagem Arquitectónica: Evolução da Arquitectura do Dinheiro*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura.

BANDEIRA, Filomena & FERNANDES, Rosa (1998, 2004). *Edifício do Banco Lisboa & Açores / Banco Totta & Açores / Banco Santander Totta, SA*. Lisboa: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7823.

"Banco Lusitano" (1903). *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*. (16 jun), p. 4.

BYRNE, Gonçalo (2001). "Reconversão de um quarteirão no Chiado, Lisboa: Companhia de Seguros Império" *Pedra & Cal*. n. 11, (jul-set), pp. 6-8.

“Edifício dos Leões: Espaço Santander” (s.d.). Lisboa: Santander. Disponível em <https://www.santander.pt/institucional/edificio-dos-leoes>.

CAMPOS, Alexandra (2021). “Alfredo da Silva, fundador da CUF, “um capitão da indústria com uma energia inesgotável”. *Expresso*, (28 jun). Disponível em <https://expresso.pt/economia/2021-06-28-Alfredo-da-Silva-fundador-da-CUF-um-capitao-da-industria-com-uma-energia-inesgotavel-sublinha-biografo-75a923d9>.

CRUZ, Ana Margarida (2013). “Banco Totta-Aliança”. In FARIA, Miguel Figueira de & MENDES José Amado (coord.) (2013). *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 1: Instituições Bancárias*. Lisboa: INCM, pp.396-399.

CRUZ, Ana Margarida (2014). “Companhia de Seguros Império”. In Miguel Figueira de Faria & José Amado Mendes (coords.) *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 2: Seguradoras*. Lisboa: INCM, pp. 133-135.

FARIA, Miguel Figueira de. *Manuel de Mello* (2007). Lisboa: Fundação Amélia da Silva Mello; Inapa.

FIGUEIREDO, José (1908). “O Banco Lisboa & Açores: Projecto do architecto Ventura Terra” (1908). *A Architectura Portuguesa*. A 1, n.º 1, (jan), pp. 3-4.

FRANÇA, José-Augusto (2009). *Lisboa: História Física e Moral*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

GEADA, José (ed.). (1996). “Agência Bancária”. *Relatório dos PALOP*, n.º 4, (agosto), p. 66.

GUEDES, Pedro (org.) (2009). *Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus*. Lisboa: Museu Coleção Berardo.

Império Bonança (s.d.). Lisboa: Império Bonança. Disponível em <https://pt.linkedin.com/company/imperio-bonanca>.

LEITE, José (2018). “Café Chiado”. [Post em blogue]. *Restos de Colecção*: Disponível em <https://restosdecolecao.blogspot.com/2018/01/cafe-chiado.html>.

MARTINS, Maria Belmira (1973). *Sociedades e Grupos em Portugal*. Lisboa: Estampa.

MATA, “Companhia Confiança Nacional”. In FARIA, Miguel Figueira de & MATOS, Mário. *História da Companhia de Seguros Império: Artigo sobre a história da Companhia de Seguros Império*. Lisboa: Investidor.pt. Disponível em <https://investidor.pt/historia-da-companhia-de-seguros-imperio/>.

MENDES, José Amado (coord.) (2013). *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 1: Instituições Bancárias*. Lisboa: INCM, pp. 554-556.

MENDES, José Amado (2013). “Banco Aliança”. In FARIA, Miguel Figueira de & MENDES, José Amado (coord.) (2013b). *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 1: Instituições Bancárias*. Lisboa: INCM, pp. 57-64.

MIGUEL, António Marques (1986). “Lojas e Colunas”. *Arquitectura Portuguesa*, n.º 5, (jan-fev), pp. 68-69.

MILHEIRO, Ana Vaz (coord) (2006). *Habitar Portugal 2003/2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

NEVES, Maria Eugénia (2013). “Banco de Lisboa”. In Miguel Figueira de Faria & José Amado Mendes (coords.) (2013). *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 1: Instituições Bancárias*. Lisboa: INCM, pp. 176-183.

NEVES, Pedro (2013a). “Banco José Henriques Totta”. In Miguel Figueira de Faria & José Amado Mendes (coords.) (2013). *Dicionário de História Empresarial Portuguesa: Séculos XIX e XX. V. 1: Instituições Bancárias*. Lisboa: INCM, pp. 277-279.

Relatório e Contas apresentados pela direcção do Banco Lusitano em sessão de Assembleia Geral de 7 de Janeiro de 1869 (1869). Lisboa: Typ. Franco-Portuguesa.

RODEIA, João (2001). “Um quarteirão imperial”. *O Independente*, (28 dez), pp. 40-41.

“Um Banco novo com mais de cem anos de experiência” (1963). *CUF Informação Interna*, (agosto).

Arquiteturas de autor no sector financeiro da CUF. Exemplos na banca e nas seguradoras, e a dimensão ultramarina

Leonor Matos Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço a generosidade do Professor Pedro Guedes na análise e divulgação do trabalho do seu pai, bem como o apoio que me prestou na realização deste texto.

Agradeço à Professora Ana Vaz Milheiro a oportunidade concedida para a realização desta investigação.

Agradeço ao Dr. Gilberto Gomes pelo encorajamento e informações transmitidas.

Agradeço ainda a José Leite pelos esclarecimentos prestados.